



(RE)SSIGNIFICANDO O PAPEL DO LEITOR: O CASO DO HIPERCONTO MULTISSEMIÓTICO

Fernanda Karyne de Oliveira¹; Jailma da Costa Ferreira².

Universidade Estadual da Paraíba¹

fernandakoliveira@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba²

Jailma.jdf@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar o papel do leitor na construção do gênero digital literário Hiperconto Multissemiótico. Para tanto, o procedimento metodológico utilizado neste estudo será o levantamento bibliográfico, apoiado, principalmente, nos pressupostos teóricos de autores como Spalding (2009), Mestre (2017), ROJO (2013), entre outros. Além da pesquisa bibliográfica, utilizaremos *prints* referentes às interfaces do gênero digital, para a realização da análise. O *corpus* deste trabalho corresponde ao Hiperconto Multissemiótico escrito por Marcelo Spalding, intitulado “Um estudo em Vermelho” (2009). O Hiperconto analisado pode ser considerado um hipertexto, pois se constrói a partir da interatividade entre leitor e texto, além de sua estrutura permitir a criação de diferentes percursos de leitura. O gênero em questão é fruto do movimento em defesa da literatura digital, entendida como uma literatura que tira proveito dos recursos do ciberespaço para potencializar a narrativa, agregando a ela múltiplas linguagens. Percebeu-se nesta pesquisa a importância do leitor para a construção do(s) sentido(s), pois a narrativa digital se constrói a partir de uma interatividade explícita, já que o Hiperconto Multissemiótico é fruto de um processo de leitura/escrita, pois à medida que está sendo lido, também está sendo coproduzido por um leitor/escritor, promovendo assim uma reformulação no conceito de leitor e nos modos de leitura.

Palavras-chave: Hiperconto Multissemiótico, Construção de sentido, Leitor.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) alteraram a convivência em sociedade, sobretudo, seus modos de relacionamento, a veiculação de notícias, o próprio modo de “ser” e “estar” no mundo. Além disto, propiciaram mudanças no âmbito do letramento, redesenhando outros papéis para o sujeito leitor e escritor, bem como o próprio conceito de texto e sua forma de apresentação.

Chartier (1998), ao comentar sobre a invenção da escrita e do livro, destacou a necessidade da criação de vários ofícios, estes que contemplariam do autor ao editor. Segundo o historiador francês, no texto eletrônico, “um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças a rede eletrônica, esta difusão é imediata”.

As tecnologias também propuseram mudanças a literatura. Na ótica de Mestre (2017) foi a contemporaneidade que ofereceu as condições culturais, sociais e artísticas, a partir da segunda metade do século XX e com o início do século XXI, do desenvolvimento de formas





VII ENLIJE

literárias digitais. A literatura digital, segundo a autora, é uma literatura que tira proveito dos recursos oferecidos pelo *ciberespaço*, agregando-os as narrativas. Assim, demanda de outras habilidades de leitura para a sua realização, pois, em sua maioria, são interativas, colaborativas, necessitando de intervenção por parte de quem está lendo. Cada leitor, então, produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe (CHARTIER, 1998).

Observando, o que fora posto anteriormente, este artigo tem o objetivo de estudar o papel do leitor na construção do Hiperconto Multissemiótico. O gênero literário em questão, é um exemplo de gênero da literatura digital. Criado em 2009 pelo professor Marcelo Spalding, o Hiperconto faz parte de um projeto desenvolvido pela UFRGS, em defesa dos estudos de literatura digital no Brasil. Caracteriza-se, pois, como um conto que agrega em sua narrativa recursos sonoros e imagéticos, potencializando assim a trama.

Utilizamos como metodologia para este trabalho, o levantamento bibliográfico, no intuito de discutirmos sobre literatura digital e seus desdobramentos, recorrendo as teorias de Chartier (1998), Mestre (2017), Spalding (2009), entre outros. Além disto, utilizamos prints das interfaces do Hiperconto escolhido para análise, no intuito de elucidarmos de que forma o papel do leitor e construído, e, por conseguinte, ressignificado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do texto ao hipertexto: conceitos (in)definidos

Amplamente discutido nos estudos propostos pela Linguística Textual, e, ainda, sem uma definição satisfatória, a conceptualização de texto vem sofrendo mudanças, ressignificações, muito pelas demandas sociocomunicativas exigidas pela sociedade contemporânea. De acordo com Ribeiro (2016), os textos mudam ao longo da história, sua composição, seu modo de fazer, as práticas de leitura em que estão envolvidos.

A ruptura com a lógica do texto, de seguir uma linearidade para ser compreendido, revela a autonomia das partes com relação ao todo, que o configura como uma percepção da interconectividade capaz de romper com o modelo de hierarquia, centralização, liderança etc. O abandono desse centro regulador ao texto fomenta a perspectiva de pensar modelos de auto-organização como organismos dinâmicos, que promovem suas ações baseadas em princípios emergentes ou sistêmicos, como o hipertexto (NORJOSA, 2012, p. 76).

Gomes (2011) entende o hipertexto como um texto exclusivamente virtual tendo como elemento central os *links*. Já Xavier (2004), o define como uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, capaz de condicionar e





VII ENLIJE

acondicionar outras formas de textualidade. Braga (2005) diz que o hipertexto surge como uma alternativa mais eficiente para a comunicação no meio digital, o que minimiza os limites impostos pela tela e exploram suas funcionalidades e suas possibilidades de construção através do uso de *links*, integração de várias linguagens, tudo isto favorecido pelos programas que permitem a edição do texto, da imagem e do som:

Um texto elástico, que se estende reticularmente conforme as escolhas feitas pelo leitor, possibilitando-lhe escolher a sequência do material a ser lido. É ele quem determina os caminhos para a construção de um sentido. Pode-se dizer que o hipertexto “pergunta ao leitor o que deseja ler depois” (KOCH, 2007, p. 28).

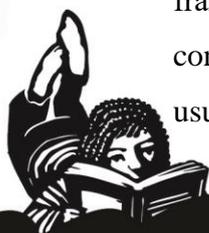
É importante destacarmos algumas de suas principais características como a intertextualidade (diálogo através dos *links*), não linearidade (ausência de foco dominante na leitura), volatilidade (essencialmente virtual), fragmentaridade (brevidade nas escolhas retornos/fugas) espacialidade topográfica (limites indefinidos) iteratividade (entrelaçamento de linguagem verbal e não verbal).

No hipertexto, percebemos que as fronteiras entre leitor e escritor foram dissolvidas e os laços foram estreitados, pois o leitor-navegador pode ser também um produtor, agora assume uma postura ativa e não passiva, escolhe seus itinerantes de navegação e escreve também naquilo que lê, formando assim o lator (ROJO, 2013).

O lator constrói o percurso da sua leitura em rede, e é o responsável pela atualização, pela marcação de coisas importantes, e, por produzir sentido. Ao se falar em lator, entende-se que houve uma alteração protocolar nos processos de leitura e escrita. A própria característica da internet que articula espaços de informação, concomitante a espaços de produção, promove além da negociação de significados, a possibilidade de construção destes. A leitura do hipertexto exige novas habilidades, em que não se basta somente ler, mas é preciso, sobretudo, produzir, construir, estabelecer relações, fazer sentido:

Nesse processo, cada leitura do hipertexto é uma leitura diferente, porque, dificilmente, o texto se mostrará duas vezes da mesma forma ao leitor. O texto atualizado é um evento e as condições em que ocorre são irrepetíveis. Se o autor sugere os *links*, cabe ao leitor do hipertexto aceitar ou não as associações propostas sempre de acordo com o pretendido e reclamar por novas associações, já que o autor do hipertexto propõe alguns *links*, mas não todos os *links* possíveis (KOCH, 2007, p. 27).

É possível estabelecer relações entre este lator e o leitor descrito pelo historiador francês que diz que estes “são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los” (CERTEAU, 2011, p.245). A metáfora proposta pelo autor credibiliza a metáfora





VII ENLIJE

hipertextual, ao passo que se pensa o hipertexto como sendo este texto construído pelo autor, que mesmo desconhecendo seus caminhos, opta por traçá-los, tendo a possibilidade de traçar inúmeros percursos, e construir, a cada leitura/escrita, um novo hipertexto.

Há, então, a instauração de um novo contexto produtivo favorecido pela sociedade marcada por prefixos (hiper, multi, pluri, entre outros) que favorece o metamorfoseamento da produção escrita e do ato da leitura, tornando-os também prefixais. Fala-se agora em leitura e escrita hipertextuais. Consideramos também que este metamorfoseamento pode e deve chegar às questões relacionadas ao ensino, haja vista que este demanda não só novas posturas por parte do professor, como também por parte do aluno.

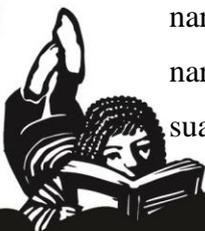
A incorporação de semioses, a interatividade e a colaboratividade são marcas que delineiam a (re)configuração desses processos. O acréscimo de ícones, símbolos, *gifs* e *links* ajudaram no processo de legitimação desta mudança, contribuindo, inclusive no surgimento de novos gêneros digitais e também nas mudanças dos papéis assumidos pelos sujeitos sociais, que além de leitores e escritores, tornam-se autores, já que realizam simultaneamente os processos.

Leitura e produção do gênero Hiperconto Multissemiótico

O HM pode ser considerado um gênero emergente no meio digital (MARCUSCHI, 2004), pois embora possua similares, porta características próprias que devem ser analisadas em particular. Destaca o autor a respeito destes gêneros ao mencionar que eles “são diversificados em seus formatos e possibilidades e dependem do software utilizado para sua produção” (MARCUSCHI, 2004, p.18). Ainda com relação os gêneros emergentes no meio virtual:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é a alta interatividade, em muitos casos síncronos, embora escritos [...]. Tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos (MARCUSCHI, 2004, p.33).

Como já é percebido, o Hiperconto deriva do gênero conto. Tradicionalmente, o conto é visto como uma narrativa de pouca extensão, em comparação a outras narrativas mais longas como novelas e romances. O conto tem origem na tradição oral, nos causos populares, e com o tempo começou a ser registrado de forma escrita. Apresenta, assim como as outras narrativas, cinco elementos constituintes e fundamentais: tempo, espaço, personagens, narrador e enredo. Diferentemente dos gêneros narrativos mais longos, as personagens têm suas ações centradas em espaços mais restritos (SOARES, 1993).





VII ENLIJE

A literatura atual demanda do leitor novos parâmetros de leitura para as formas literárias e os novos gêneros que estão emergindo, destacando que é preciso que haja uma flexibilização quanto aos modos de ver e entender o que é produzido na contemporaneidade, desprendendo-se de olhares preconceituosos, olhares estes que ameaçam o processo de formação de leitura (SILVA, 2016).

Esse tipo de conto tem como um de seus propósitos, a divulgação da literatura digital, entendida como uma literatura que faz uso das potencialidades do ciberespaço no processo de criação de seus textos, sendo então, marcadamente interativa (MESTRE, 2017). Sobre o gênero enfocado, merece destaque a fala do pesquisador da literatura digital e escritor de Hipercontos:

Minha proposição inicial é que o hiperconto é uma versão do conto para a Era Digital [...] requer narratividade, intensidade, tensão, ocultamento, autoria. O texto, naturalmente, ainda deve ser o cerne do hiperconto, preservando seu caráter literário, mas um bom hiperconto será capaz de aproveitar as ferramentas das novas tecnologias para potencializar a história que conta da mesma forma que os livros infanto-juvenis, por exemplo, têm se utilizado da ilustração (SPALDING, 2009 Disponível em <http://www.artistasgauchos.com.br/estudovermelho/> Acesso em 10 de outubro de 2017).

A respeito da estruturação do Hiperconto, comenta o autor: “a fórmula utilizada para a confecção dos finais é a análise combinatória. Há 3 cenas em que o leitor interfere diretamente, escolhendo a direção que deseja tomar. Dependendo dessas escolhas, o final muda. Como foram 3 escolhas, há 8 finais possíveis. Se fossem 4 cenas, seriam 16 finais; se fossem 5, 32 finais” (SPALDING, 2009, Disponível em <http://www.artistasgauchos.com.br/estudovermelho/> Acesso em 10 de outubro de 2017).

A utilização de imagens, estáticas ou em movimento, o acréscimo de áudios, *hyperlinks*, garantindo a interatividade e a quebra ou não da linearidade, são algumas das possibilidades oferecidas pelo gênero. A escrita de um Hiperconto exige algumas competências como: a inserção dos *links*, a utilização de diferentes linguagens (multisemiose), a integração de sons, vídeos e cores. Todos estes elementos precisam estar harmonicamente dispostos, de forma que o efeito dado após a colocação dos recursos seja visto e compreendido pelo leitor.



O leitor e a construção do Hiperconto Multissemiótico “Um Estudo em Vermelho” (2009)

O gênero em questão é fruto do movimento em defesa da literatura digital, entendida como uma literatura que tira proveito dos recursos do ciberespaço para potencializar a narrativa, agregando a ela múltiplas linguagens. O Hiperconto analisado pode ser considerado um hipertexto, pois se constrói a partir da interatividade entre leitor e texto, além de sua estrutura permitir a criação de diferentes percursos de leitura, como é visto na figura abaixo:

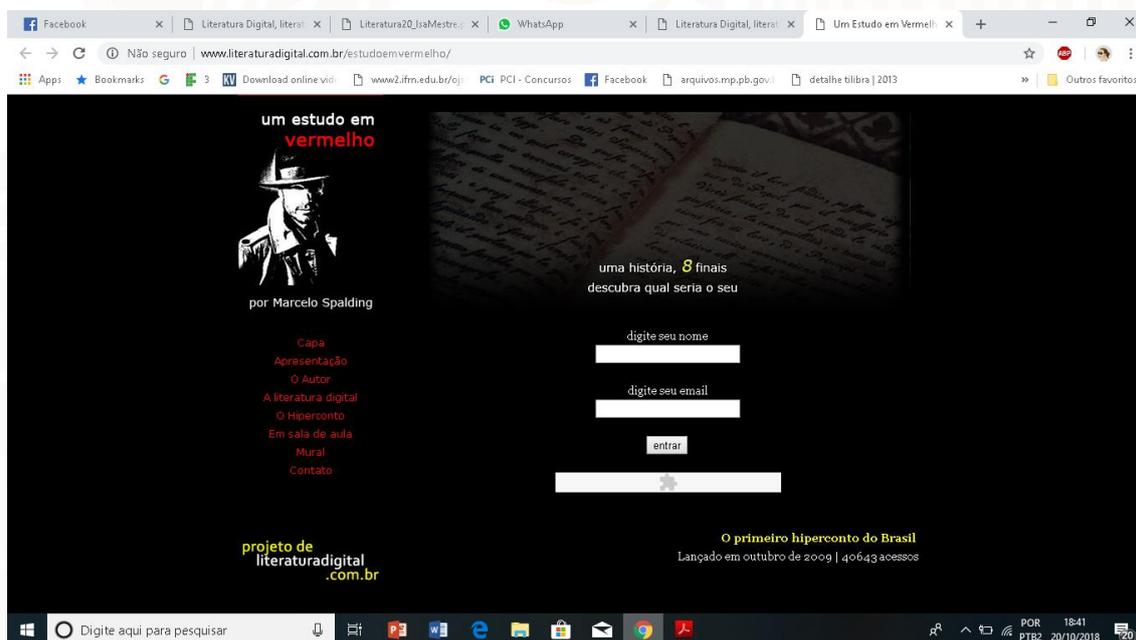


Figura 1: Interface 1

Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/estudoemvermelho/> Acesso em 20 de outubro de 2018

Ao lermos o enredo, vemos que ao lautor é conferida a condição de personagem da história, em um contexto previamente delimitado: o desaparecimento de sua irmã. A nova experiência de leitura dada ao lautor, não recai somente na capacidade dele interagir na narrativa através de sua coprodução, mas também ocorre por meio da delegação de outros papéis, nesse *e-mail* especificadamente o papel de personagem secundário, mas responsável pelo desenrolar da narrativa, o que, nesse contexto, convida-o a interagir. Essa nova experiência de lescitura se dá também a partir do contato dele com a manipulação e adaptação com o metamorfoseamento dos gêneros pela narrativa digital, no caso, o rearranjo do gênero *e-mail* para o atendimento das necessidades do Hiperconto.





Figura 2: Interface 3

Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/estudoemvermelho/>

A resposta de Mr. Dupin ao *e-mail* enviado pelo lautor, que no texto pede explicitadamente que se refira a ele de outro modo, fazendo menção a outra relação textual marcadamente explícita, no caso, o diálogo com as obras do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, necessita pela primeira vez de uma intervenção mais incisiva, por assim dizer. Para que o *e-mail* seja respondido, é necessário que o lautor coloque mais veementemente sua impressão sobre o caso. As duas possíveis respostas mediatizadas em forma de *links* dão cada uma um rumo diferente a história. Por isso que cada narrativa construída é diferente, pois as escolhas dependerão de cada lautor que construí-las.

CONCLUSÃO

Por ser o hipertexto um lugar de coprodução de sentidos, o leitor, aqui lautor, por desempenhar os processos de leitura e escrita simultaneamente, tem um papel crucial na junção dos legos (*links*) para a construção do brinquedo, metaforicamente fazendo referência ao processo de construção do Hiperconto, sem perder de vista que a interpretação de construções hipermodais exige que as informações veiculadas pelas diferentes modalidades sejam integradas de forma a auxiliar a interpretação de segmentos particulares ou a construção de um sentido global (BRAGA, 2005).

Temos então um leitor diferente, que é responsável por construir seu percurso na rede, devido ao caráter interativo e colaborativo do gênero da literatura digital. O Hiperconto, desta





VII ENLIJE

maneira, é construído simultaneamente, a medida que é lido, a partir das respostas do e-mail trocada pelo detetive e pelo contratante do caso. Percebe-se também que o lautor assume várias funções na narrativa, pois a trama o impele diferentes papeis de acordo com a situação. Há, então, uma narrativa construída em processo de co-autoria.

Em tempo, vimos que um trabalho desta natureza abre espaço para que sejam pensados novos caminhos para o trabalho com a leitura e com a escrita, mediado pelos novos gêneros e por todas as potencialidades oferecidas pelo ciberespaço, já que sabemos que para transitar neste meio, as capacidades e competências de leitura e produção não podem ser as mesmas (ROJO, 2013).

REFERÊNCIAS

BRAGA, D.B. Hipertexto: questões de produção e leitura. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**. São Paulo: Editoração Eletrônica: Mara L. F. Andrade e Claudia R. F. Andrade Aguiar, v. 34, 2005. Anual, p. 756-761.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C.S. **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.

MESTRE, A.I.B. **Literatura 2.0**: para uma cartografia da narrativa digital. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Cultura e Artes, Universidade do Algarve, Algarve, 2017.

NORJOSA, U.N. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In.: FERRARI, P. (org.). **Hipertexto hipermídia**: as novas ferramentas de comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, A.E. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In.: COSCARELLI, C.V. (org). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

ROJO, R. et al (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. SIGNORINI. I. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, A.P.D. **Aspectos do conto e do romance da atualidade**: problemas de ordem teórico-conceitual. In: SILVA, A.P.D. (Org.). O conto e o romance contemporâneo na perspectiva das literaturas pós-autônomas. Campina Grande: Eduepb, 2016.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

SPALDING, M. **Um Estudo em Vermelho**. Disponível em <
<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/> > Acesso em 10 de outubro de 2017.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

XAVIER, A. C. **Leitura, texto e Hipertexto.** In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C.S. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br